

DOS GRAUS DA REFORMULAÇÃO SINTÁTICA EM TRADUÇÃO: ASPECTOS CULTURAIS E RÍTMICOS

*Ivone Castilho Benedetti**

RESUMO: Este trabalho analisa a abordagem de um autor quinhentista, Jean de Léry, por dois tradutores (Sérgio Milliet e a autora do artigo), tomando como parâmetro as soluções sintáticas apresentadas por ambos na translação de um estilo capaz de causar estranheza no leitor moderno. A análise busca vislumbrar, por trás das opções sintáticas buscadas, a visão que o tradutor tem da cultura “traduzida”, da sua própria cultura e de seu fazer.

UNITERMOS: sintaxe; cultura; aceitação; anexação; adesão; ritmo.

RÉSUMÉ. Ce travail a pour objet d'analyser le comportement de deux traducteurs (Sergio Milliet et l'auteur de l'article) face au texte d'un auteur du XVI siècle, Jean de Léry, se fondant particulièrement sur les solutions syntaxiques que chacun adopte pour rendre l'étrangeté de cette écriture pour le lecteur moderne. L'analyse cherche à faire apparaître, à travers l'examen des solutions syntaxiques adoptées, la vision que le traducteur met en jeu de la "culture traduite", de sa propre culture, et de la place de sa pratique.

MOTS-CLÉS: syntaxe; culture; accueil; annexion; adhésion; rythme.

Afinal a sintaxe é um hábito, e como condenar por ininteligíveis as singularidades do poeta em nome de uma sintaxe oficial que admite o anacoluto? A sintaxe de Mallarmé reagiu contra a sintaxe corrente do século XIX para acentuar os mil cambiantes do ato de

* Doutoranda em Língua e Literatura Francesa, FFLCH-USP.

*pensar, aos quais correspondiam nos séculos anteriores outras tantas formas de construção, ricas de expressividade, e infelizmente banidas da linguagem escrita em nome de uma clareza tão empobrecedora do mistério poético da palavra.*¹

Manuel Bandeira

Este artigo é um dos avatares originados por um estudo acadêmico feito em 1999, trabalho cujo título era “Reformulação sintática em tradução”. Um dos avatares porque esse assunto, objeto de constante análise, ainda deverá render outros textos. Aqui são feitas algumas reflexões em torno das possíveis atitudes assumidas pelo tradutor na busca de soluções para a reconstrução sintática do seu texto. Por reformulação sintática entende-se todo o conjunto de recursos sintáticos de que o tradutor normalmente lança mão para adequar o texto traduzido à índole da língua de chegada. Partindo-se da hipótese teórica de um grau zero de reformulação sintática no trabalho de tradução interlingüística (improvável na prática, qual seja, o da tradução palavra por palavra em todo o texto, sem reelaboração adaptativa à sintaxe da língua de chegada), seguir-se-iam (sempre em nível de hipótese teórica) vários graus de reformulação a refletirem um sempre maior afastamento em relação a esse “zero”. Descartando-se este último por improvável em todo o texto, pode-se dizer que tais graus de reformulação vão desde a reconstrução do texto de chegada por meio de correspondências mais ou menos consagradas entre aspectos sintáticos desta e da língua de partida até a sua reestruturação plena (em nível de oração e período), passando por vários graus intermediários de reelaboração das inter-relações entre termos da oração. A base prática das lucubrações aqui expostas foi a comparação entre duas traduções de um mesmo texto quinhentista pertencente a um dos chamados “cronistas do descobrimento” (Jean de Léry): uma feita por Sérgio Milliet e publicada no livro *Viagem à terra do Brasil*

¹ Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras em 1942, quando do centenário do nascimento de Mallarmé. In *CULT – Revista Brasileira de Literatura* n. 16, nov. 1998.

(Belo Horizonte, Itatiaia, 1980), e outra minha, feita para uma publicação da Editora Ática (*Cronistas do descobrimento*, Antônio Carlos Oliveira e Marco Antônio Villa, orgs., Série Bom Livro, S. Paulo, 1999).

As considerações aqui contidas, partindo de aspectos formais, conduzem a inferências mais amplas, sobre a posição do tradutor, como mediador cultural (consciente ou não), diante do “outro” por ele mediado: posição de aceitação, anexação ou adesão, que são, de resto, as mesmas assumidas por outros mediadores culturais em suas confrontações. A característica peculiar do tradutor, porém, reside no fato de manifestar sua posição por meio de recursos discursivos detectáveis em sua escrita, assim como são detectáveis na partitura os recursos gráficos de que lança mão o músico para transmitir as impressões subjetivas que queira expressar por meio de sons. Ainda com o objetivo de esclarecer a terminologia adotada, diremos que, do ponto de vista quer dos aspectos culturais, quer dos tradutológicos, aceitação do “outro” equivaleria a admissão das diferenças no que elas comportam de especificidade e necessidade, com o favorecimento de sua manifestação; anexação seria a inadmissão da manifestação de tais diferenças com rejeição das especificidades do “outro” e conseqüente tentativa de apagá-lo e fazê-lo mais parecido com o “próprio”; adesão ao outro seria a permeabilidade acrítica às diferenças e especificidades, sem a tentativa de discernir onde se encontra a salutar diversidade.

Um texto de tempos distantes

1. Léry: uma antropologia

O texto de Léry faz parte de um tipo de literatura freqüente no séc. XVI: motivada pelo encontro de duas culturas profundamente diferentes, a européia e a ameríndia, nasceu com os descobrimentos e foi formulada em várias línguas; surgiu com a descoberta de diferenças radicais e manifestou-se como uma espécie de antropologia descritiva de semelhanças e dessemelhanças, fortemente centrada na comparação entre Velho e Novo Mundo. As características desse tipo de literatura foram alvo

das análises de M. Foucault² e, na sua esteira, de Cordonnier (1995), em meio a cujas ponderações se faz uma síntese do texto de Foucault e das críticas a ele tecidas por Affergan.³

Em resumo, para solucionar a “inquietante estranheza” suscitada pelo contato com culturas tão radicalmente diferentes da européia, o homem do séc. XVI procurava explicações através da identificação de semelhanças e analogias. Segundo Foucault (citado por Cordonnier),

Até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou papel edificador no saber da cultura ocidental. Foi ela que orientou em grande parte a exegese e a interpretação dos textos: foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las.⁴

O conhecimento procederia, então, segundo a busca da similitude, num percurso que procurava ir de semelhança em semelhança. Por isso, o saber procedia por “adição” e “acumulação de confirmações”. Era atravessado pela magia e pela erudição, apoiando-se em textos da Antigüidade. Seus *topoi* eram “fidelidade aos Antigos”, “gosto pelo maravilhoso” e uma tendência à “racionalidade” que se tornaria depois uma das características marcantes de nossa cultura.

Mas enquanto Foucault afirma que no século XVI o mundo não tem propensão à mudança, para Affergan, ao contrário, da descoberta de uma realidade radicalmente diferente nasceu uma prática da alteridade, da dissociação, num período caracterizado pela ambivalência e pelo início titubeante de uma classificação das diferenças.

² FOUCAULT, M., *Les mots et les choses – Une archéologie des sciences humaines*, NRF/Gallimard, Coll. Bibliothèque des sciences humaines. Os comentários de Cordonnier aqui citados encontram-se nas p. 39 a 43 de *Traduction et Culture* (v. bibliografia).

³ AFFERGAN, F., 1987: *Exotisme et altérité*, PUF. Col. Sociologie d'aujourd'hui. *Apud* CORDONNIER, p. 42-43.

⁴ FOUCAULT. Op. cit., p. 32 (*apud* CORDONNIER, 1995, p. 40), tradução minha.

Hoje, diante de textos como o que nos ocupará neste trabalho, não é difícil verificar que, praticando a alteridade ou buscando analogias, a atitude do homem do séc. XVI em relação às descobertas dos descobrimentos não foi totalmente uníssona. Assim como é possível observar que o achamento diário do “outro” em textos de tradução enseja atitudes semelhantes, em suas disparidades, às que se observaram nos descobridores dos tempos quinhentistas.

No que se refere a estes, comparando-se o texto de Léry com o de outro francês seu contemporâneo que por aqui também esteve, notam-se duas atitudes fundamentalmente diferentes: de um lado, a do reformista imbuído da crença na igualdade de disposições naturais entre todos os homens (Léry); de outro, a do católico para o qual as diferenças observadas nos “selvagens” eram as marcas de uma predisposição diabólica digna de ser combatida (André Thévet⁵). Enquanto Thévet punha seus leitores diante de um bruto irracional que andava nu e comia raízes, à espera de que o agente civilizador o vestisse com a roupagem salvífica da cultura cristã, Léry punha os seus diante de um “selvagem” intrinsecamente bom porque natural, com quem a civilização européia tinha muito que aprender. Este aceitava, aquele rejeitava e tentava anexar.

É óbvio que ambos, Léry e Thévet, estavam diante da mesma realidade, o indígena brasileiro em suas variações tribais (Léry entre os tupinambás, Thévet entre os botocudos), porém a forma como cada um dos dois “trasladava” essa “realidade” para seus leitores era determinada por suas crenças e atitudes pessoais. Mas como não se pretende aqui o aprofundamento nas diferenças epistemológicas entre os dois cronistas, fique apenas registrado que, apesar dessas diferenças, dois fatores comuns os uniam: por um lado, entre cada um deles e seu objeto de estudo a distância cultural era igualmente grande; por outro, nenhum deles deixava de demonstrar simpatia ou antipatia por esse objeto, ou seja, nenhum deles se escondia sob o manto da neutralidade para falar dos índios: não vigorava ainda a convenção da objetividade científica, da racionalização pós-cartesiana, reinando como natural o subjetivismo, no sentido de explicita-

⁵ A tradução do texto de André Thévet (*Singularidades da França Antártica*) encontra-se no mesmo volume da *Ática* em que se encontra o texto de Léry.

ção das posições do sujeito-autor. Característica de uma época, que não pode ser menosprezada como elemento de análise de seus textos. Convenção que contrasta sobremaneira com os cânones objetivistas preconizados pelos métodos científicos modernos (considerando-se que seja possível “trasladar dados” sem contaminação de alguma visão particular de mundo, dificuldade que pode ser apresentada, por exemplo, nos diferentes enfoques dados ao mesmo fato pelos diversos noticiários da nossa época). Enfatize-se aqui esse aspecto subjetivante da escrita da época porque ele se manifesta por meio de diversos recursos textuais (terminológicos ou sintáticos) a que o tradutor precisa estar atento.

Rebatizando-se a expressão “traslado de dados culturais” com a metáfora “tradução intercultural” para qualificar a atividade a que os dois cronistas se dedicavam, é possível seguir no mesmo rumo e usar terminologia comum aos debates tradutológicos correntes, dizendo que esses dois “tradutores” não eram transparentes, não eram invisíveis. Ao contrário, eram opacos e bem visíveis, nada fazendo para deixar de sê-lo. Sua opacidade é justificada pelos pressupostos de uma cultura “aferrolhada em si mesma” (ainda Foucault), um dos quais o da adesão absoluta a esses mesmos pressupostos. Essa adesão, implícita ou explícita, estava sempre presente. Considerando-se o dado cultural de origem como D (a sociedade indígena), o que chegava à cultura de destino (CD) era um dado D', ou seja, D modificado pela visão de mundo (não negada) de seu trasladador, um mediador cultural adepto da CD, que a carrega para seu texto. Continuando na linha da analogia já iniciada, pode-se dizer que a tradução intercultural praticada pelos cronistas quincentistas produz uma reformulação D' do dado D inicial assim como a tradução interlingual produz uma reformulação T' de um texto T inicial, vendo-se o texto como uma das manifestações lingüístico-culturais de um povo, isto é, uma das várias possíveis realizações escritas de uma língua (uma das várias possíveis *paroles* dessa *langue*), carreadora também de informações culturais. Em que medida CD se encontra em T' é algo que parece bem interessante estudar em cada texto traduzido. É o que aqui se fará com um texto, usando como instrumento a estruturação sintática, vista como uma de suas características marcantes, como um dos elementos produtores de significação.

Antes, porém, de se passar à sintaxe propriamente dita, convém dar destaque a alguns outros elementos produtores de significação. Um deles, o mais óbvio e mais estudado, é de caráter lexical: a eleição de certas palavras em detrimento de outras, a inserção de palavras onde elas poderiam não estar, a sua ausência nos lugares onde deveriam encontrar-se traem opções, denunciam intenções, delatam um sujeito. Assim, da tensão entre um sujeito que se quer mostrar (o autor) e um outro que faça questão de escondê-lo ou de mostrá-lo (seu tradutor) podem nascer verdadeiras constelações ou até buracos negros lexicais onde se engolfam ideologias.

Por exemplo, no título *Ce qu'on peut appeler loiz et police civile entre les sauvages: comment ils traittent et reçoivent humainement leurs amis qui les vont visiter [...]*, o fato de Léry deixar explícito que os selvagens têm uma organização social, uma civilidade (*police*), ao contrário do que diz Thévet (que eles não a têm), e de que eles recebem *humanamente* seus visitantes, configura o nível conceitual em que ele opera. Ora, ele diz isso de uma maneira que não pode ser negligenciada. Como parte de um título, o enunciado *comment ils traittent et reçoivent humainement leurs amis* (como tratam e recebem humanamente seus amigos) põe-nos diante de um dado formal que “traí” um dado conceitual implícito: o *comment* introduz uma oração na qual o leitor moderno esperaria o anúncio puro e simples da exposição do modo “como” se dá o fato que vai ser descrito, mas esse “modo” já é prenunciado no próprio título por um advérbio, “*humainement*”. Este, portanto, modaliza o enunciado: não é uma descrição impessoal o que se terá, pois um “como” que, sozinho, seria neutro, acaba por se transformar, já no título, no “como” explícito, no “modo como” eles recebem, ou seja, *humanamente*, o que não deixa de ser um juízo de valor, uma marca de adesão.

2. Léry: sua tradução

2.1 Preliminares da análise

Como vimos acima, as marcas deixadas pelos mediadores culturais e seus sistemas de crenças, na transladação de dados

de uma cultura para outra, em textos como os de Léry muitas vezes saltam à vista. De que modo? Frequentemente por meio de *modificadores* de sintagmas nominais e verbais (adjetivos e orações adjetivas, no caso do sintagma nominal, e adjuntos adverbiais e orações subordinadas, no caso do sintagma verbal). No exemplo já citado (*comment ils traittent et reçoivent humainement leurs amis qui les vont visiter*), o adjunto adverbial *humainement* é um modificador que denuncia e anuncia uma postura epistemológica, uma marca de adesão; o autor vê os seres que lhe servem de objeto de estudo como “selvagens”, sim, mas, além de anunciar que vai descrever o modo como eles recebem os amigos, anuncia também que eles os recebem *humanamente*. Um modificador desse tipo é extremamente eloqüente. Em primeiro lugar, indica que o seu autor se expressa de um modo que escapa aos cânones racionalistas e impessoais preconizados em nossa era moderna, pós-cartesiana, para os textos objetivos, científicos, pois ele não tem pejo de alardear um ponto de vista subjetivo, um juízo de valor, já num subtítulo; em segundo lugar, e em decorrência disso, esse modificador acaba sendo um indicador cultural e um elemento indiretamente dêitico, porque capaz de lançar luzes sobre o contexto espaço-temporal geral em que se situa o autor; em terceiro lugar, embora se trate apenas de um advérbio, de um chamado termo acessório da oração, segundo terminologia tradicional – portanto algo cuja importância poderá ser considerada menor por alguém que se guie pela tradição na qual se insere essa terminologia –, na verdade o que se tem é um elemento com força suficiente para induzir o leitor a assumir desde logo a mesma posição do autor, a de adesão quase total ao seu texto e a seu objeto de estudo. Essa indução, ao que tudo indica, é desejada. Parece, portanto, que um tradutor jamais deveria ignorar um elemento como esse e *reformular* a seqüência sintática de tal modo que o exclua, talvez por lhe parecer ele indicativo de uma atitude subjetiva incômoda ou incompreensível. É o que ocorre no texto de Sérgio Milliet, que traduz a frase por “modo por que tratam os visitantes amigos”.

Léry está a todo momento ressaltando as boas qualidades dos indígenas, o que os transforma de objeto de estudo em objeto de propaganda. Por trás de “*loix divines et humaines*” (leis

divinas e humanas) está um conceito de ordenamento jurídico das sociedades ditas “civilizadas”, em oposição às outras, que seu sistema epistemológico qualifica de “selvagens”, as regidas por leis “naturais”. Quando o autor diz que os indígenas são “conduzidos apenas pelo seu natural, ainda que um tanto degenerado”, talvez esteja indicando nas entrelinhas certo naturalismo filosófico, segundo o qual nada existe fora da natureza, que é gerida e regida por princípios indiscerníveis que, por sua vez, nos geram e regem a todos; logo, o selvagem (ainda que já um tanto degenerado em relação a um estado natural puro) estaria mais próximo de Deus do que o homem civilizado: pode-se ver que daí ao mito do bom selvagem e ao jusnaturalismo há menos de um passo.

A tradução do trecho todo ficou assim:

SM – “E coisa quase incrível e de envergonhar os que consideram as leis divinas e humanas como simples meio de satisfazer sua índole corrupta, que os selvagens, guiados apenas pelo seu natural, vivam com tanta paz e sossego.”

ICB – “Quanto à organização social de nossos selvagens, é coisa quase incrível – e dizê-la envergonhará aqueles que têm leis divinas e humanas – que, apesar de serem conduzidos apenas pelo seu natural, ainda que um tanto degenerado, eles se dêem tão bem e vivam em tanta paz uns com os outros.”

O texto original diz: «Quant à la police de nos sauvages, c'est une chose presque incroyable, e qui ne se peut dire sans faire honte à ceus qui ont les loix divines et humaines, comme etans seulement conduits par leur naturel, quelque corrompu qu'il soit, s'entretiennent et vivent si bien en paix les uns avec les autres».

Note-se aí que Milliet submeteu à interpretação um texto de si bastante complexo, simplificando notavelmente suas estruturas sintáticas. Perdeu-se, no traslado, o sentido de que o “natural” dos selvagens já se encontra um tanto degenerado (talvez mais próximo do civilizado). Manteve-se, porém, o contraste entre, de um lado, divino e humano e, de outro, natural.

Outro tipo de modificador freqüentemente omitido, atenuado ou posto em posição subalterna na tradução de Sérgio Milliet é constituído por adjuntos adverbiais ou orações adverbiais que

servem para indicar o início de um novo tópico. Esses modificadores funcionam como verdadeiros conectores argumentativos, cuja função clara é de ligação interfrástica. Praticamente não há período que se inicie sem um deles. Abaixo, um breve levantamento em que os elementos reformulados ou omitidos na tradução de Milliet aparecem em *itálico*. A seqüência de apresentação é a seguinte: TF (texto francês); SM (Sérgio Milliet); ICB (Ivone C. Benedetti):

TF – *Quant à la police de nos sauvages, c'est un chose presque incroyable*

SM – Ø É coisa quase incrível

ICB – *Quanto à organização social de nossos selvagens, é coisa quase incrível*

TF – *Touchant les immeubles de ce peuple, consistans en maisons*

SM – Ø Consistem os imóveis deste povo em choças

ICB – *No tocante aos imóveis desse povo, consistem eles em casas*

TF – *Ce qui peut faire juger à chacun, puisque leurs tabernacles sont si aisez à transporter*

SM – Ø Como seus tabernáculos são de fácil transporte

ICB – *O que pode levar a concluir, visto serem seus tabernáculos tão fáceis de transportar*

TF – *Quant à leurs meubles, j'ay jà dit en plusieurs endroits de ceste histoire quels ils sont*

SM – Ø Já em vários lugares desta narrativa afirmei que são poucos os seus trastes

ICB – *Quanto aos trastes, já disse em vários momentos deste relato quais são;*

TF – *Touchant les lits de cotton qui sont appelez Inis par les sauvages*

SM – Para a fabricação das redes, a que os selvagens chamam inis

ICB – *No tocante aos leitos de algodão, chamados inis pelos selvagens⁶*

⁶ Aqui é interessante notar que o francês ainda não dispunha de um nome para indicar aquilo que conhecemos por “rede” (a de deitar).

- TF – *Et pour achever de tout dire sur ceste matiere, quand ces licts de cotton sont salis*
- SM – Ø Quando sujás...
- ICB – *E para concluir o que estou dizendo sobre este assunto, quando esses leitos de algodão ficam sujós*
- TF – *Or pour faire un sommaire des autres meubles de nos Amériquains, les femmes (lesquelles entre elles ont toute la charge du mesnage) font force cannes et grands vaisseaux de terre*
- SM – Ø Vejamos entretanto os demais trastes dos nossos americanos. As mulheres, a quem cabe todo o trabalho doméstico, fabricam muitos potes e vasilhas de barro
- ICB – *E para fazer um resumo dos outros trastes de nossos americanos, direi que as mulheres (que entre si dividem todos os encargos domésticos) fazem muitos recipientes e grandes vasos de barro*
- TF – *Vray est qu'il y a cela de defaut*
- SM – Infelizmente,
- ICB – Verdade é que há um defeito
- TF – *Touchant leurs armes, habits de plumes, l'engin nommé par eux Maraca*
- SM – Não menciono aqui as armas nem seus ornatos e plumas e seus maracás
- ICB – *No tocante às suas armas, à indumentária de plumas, ao instrumento que chamam de maraca, devido à necessidade de brevidade não farei menção nova aqui.*
- TF – *Pour donc prendre ceste matiere un peu de haut*
- SM – Ø
- ICB – Tratando o assunto por alto
- TF – *Mais comme l'experience m'a montré plusieurs fois depuis;*
- SM – [...] o que pude verificar posteriormente

Assim, Léry chamava o objeto de “leito de algodão”. Essa frase é a primeira em que tal locução ocorre. Depois disso, há várias menções a “leito de algodão”, cuja tradução literal eu desejaria ter mantido na edição final, não fosse a insistência do editor em substituir a locução pela palavra “rede”. A esse aspecto da relação editor-tradutor voltarei adiante.

- ICB – *Mas – como me mostrou a experiência várias vezes a partir de então –*
- TF – *La dessus, le truchement m'ayant averti qu'ils desiroyent sur tout de savoir*
- SM – Ø O intérprete me avisara que os selvagens iriam principalmente querer saber
- ICB – *Naqueas alturas, como o intérprete me avisasse que o maior desejo deles era saber*
- TF – *Et de faict, je puis assurément dire*
- SM – Ø posso garantir
- ICB – *E, de fato, posso dizer com certeza*
- TF – *Sur quoy faut noter qu'ils*
- SM – Ø e note-se que
- ICB – A propósito, cabe notar que
- TF – *Pour doncques declarer les ceremonies que les Toïoupinambaoults observent*
- SM – Ø São as seguintes as cerimônias que os tupinambás observam
- ICB – *Portanto, para descrever as cerimônias que os tupinambás observam*
- TF – *Retournant donc à parler du traitement que les sauvages font à ceux qui les vont visiter,*
- SM – Voltemos porém aos nossos selvagens
- ICB – *Voltando, pois, a falar do tratamento que os selvagens dispensam a quem os vai visitar*
- TF – *Au surplus, parce, comme j'ay dit ailleurs, que n'ayans chevaux, asnes ny autres bestes qui portent ou charrient en leur pays*
- SM – Ø Não havendo cavalos nem asnos ou outros animais de carga no país, Ø
- ICB – *Ademais, visto que em suas terras não há cavalos, asnos ou outros animais de tiro ou de carga, como disse eu em outro lugar.*
- TF – *Comme de fait, durant que j'estois par delà*
- SM – Ø Quando eu viajava na América

- ICB – *E de fato, enquanto estive por lá*
- TF – *Pour exemple de quoy j'allegueray,*
 SM – Ø
- ICB – *Como exemplo disso falarei*
- TF – *Quant à leur charité naturelle*
 SM – *Mostram os selvagens sua caridade natural,*
 ICB – *Quanto à caridade natural deles,*
- TF – *Pour doncques venir à l'effect;*
 SM – Ø
- ICB – *Então, pondo-se em ação*
- TF – *Davantage, quando le soir fut venu*
 SM – Ø *À tardinha*
 ICB – *Além disso, chegada a noite*
- TF – *Brief il m'est malaisé d'exprimer*
 SM – Ø *É difícil contar*
 ICB – *Em suma, é difícil descrever*
- TF – *Surquoy aussi, à fin de mieux faire entendre*
 SM – Ø *Para mostrar*
 ICB – *A propósito, para melhor explicar*
- TF – *Parquoy suyvant ce que j'ay dit ailleurs, qu'ils ayment surtout ceux qui sont liberaux ;*
 SM – Ø *Como eles prezam sobretudo às pessoas liberais*
 ICB – *E, conforme disse alhures, visto que eles gostam sobretudo de quem é liberal*
- TF – *Que si vous demandez maintenant plus outre, sur la frequentation des sauvages de l'Amerique, desquels je traite à present assavoir, si nous nous tenions bien assurez parmi eux, je repons*
 SM – Ø *Quanto à segurança dos hóspedes entre os selvagens da América, devo dizer*
 ICB – *E, ainda sobre a convivência que tive com os selvagens da América dos quais falo agora, se alguém me perguntasse se nos sentíamos seguros entre eles, responderia*
- TF – *Mais la dessus le truchement, qui cognoissoit mieux leur façon de faire*

SM – Mas Ø o intérprete que melhor o conhecia

ICB – Mas *nisso* o intérprete, que conhecia melhor o *modo de agir deles*

TF – *Or cependant, comme l'issue monstra, les Toüoupinambaoults sachans bien*

SM – Ø Bem sabiam os tupinambás

ICB – *No entanto, como mostrou o desfecho da questão, os tupinambás bem sabem que*

TF – *Surquoy pour conclusion de ce poinct, j'adjousteray que sur tout les vieillards.*

SM – Ø E direi ainda que principalmente os velhos

ICB – *Ao que, à guisa de conclusão, eu acrescentaria que os velhos sobretudo*

Como podemos notar, esses conectores argumentativos estabelecem contatos entre algumas categorias enunciativas em vários níveis: a) do enunciador com o seu enunciado; b) do narrador com o leitor; c) do estudioso com o seu material de estudo; d) de uma parte do texto com a outra. Em suma, são elementos que criam um tipo de enunciação na qual é patente a busca de encadeamento, concatenação, nexos. Tudo deve estar interligado de tal modo que se crie um organismo. Os dados não se explicitam isolados; os períodos não subsistem estanques. O objetivo do texto não é apenas expor dados em seqüência: é inseri-los num corpo articulado segundo certo fluxo retórico. O texto é então um corpo orgânico; seus órgãos são os períodos, as frases, mas – como convém a todo sistema orgânico – os órgãos não têm vida autônoma; entre eles circula um fluxo sangüíneo específico que lhes confere um tipo de energia e um dinamismo que desaparecem sem essa corrente; sem esses conectores argumentativos, os períodos já subsistem segundo outras leis, e então o corpo não é o mesmo; sempre é um corpo, porém outro.

2.2 Léry: periodização

Observemos a estatística abaixo.

Itens	Texto original	Tradução SM	Tradução ICB
Nº de parágrafos	20	41	20
Nº de períodos	96	155	117
Nº de palavras	6.671	4.470	6.023

* Para maior simplicidade, consideramos como período a “frase” iniciada com letra maiúscula e terminada no ponto final.

Da análise dos dados acima observamos as seguintes modificações em relação ao original:

- Nº de parágrafos** – SM modificou radicalmente os critérios de divisão em parágrafos, mais que duplicando seu número; ICB manteve o mesmo número do original.
- Nº de períodos** – ambos fragmentaram os períodos: SM introduziu 59 períodos, o que equivale a 61,45% do número de períodos original; ICB introduziu 21, ou seja 21,87% do número de períodos original.
- Nº de palavras** – **era de se esperar uma diminuição no número de palavras na tradução, em vista da natureza intrínseca das duas línguas: SM reduziu seu número em 33%; ICB, em 9,72%.** A redução de 9,72% é a compatível com o que a prática tem mostrado ser comum nas traduções do francês para o português; 33% ultrapassa de longe os parâmetros recorrentes na prática.

Esses números são um indicador inicial do nível de reformulação sintática operada pelos dois tradutores; eles mostram, *grosso modo*, o grau em que cada um deles se afastou do zero teórico em termos de reestruturação de períodos.

A seguir comentamos os três itens na tradução de Sérgio Milliet.

a. Modificação dos critérios de divisão em parágrafos

Notamos que em Léry, *grosso modo*, a divisão em parágrafos obedece à divisão dos tópicos do tema (resumo introdutório, re-

lações sociais gerais, propriedade e uso dos imóveis, propriedade e uso de objetos, o modo como os tupinambás recebem os estrangeiros etc.), com algumas poucas exceções. A tradução, na maioria das vezes, atendeu a esse critério, mas fragmentou alguns dos parágrafos de tal modo que a certos temas correspondem mais parágrafos do que os do original. Outras vezes a tradução inicia o tratamento de alguns temas no meio do parágrafo, ao contrário do que ocorre no original. Essa atitude não nos parece ter sido ditada por nenhum critério determinado por fatores intrínsecos ao texto original, mas sim pelo desejo de impor ao texto traduzido uma divisão de assuntos mais compatível com as concepções do tradutor.

b. Fragmentação dos períodos

A fragmentação dos períodos é o aspecto mais importante da reformulação sintática operada pela tradução de Milliet, pois não está dissociada de uma outra revalorização mais profunda, que batizariamos de inversão da hierarquia sintática. Antes de tratar dela com detalhes, porém, e de tentar esclarecer os possíveis objetivos em mira com a sua adoção, convém rememorar algo do já clássico *Comunicação em prosa moderna*, de Othon M. Garcia (1975), que à página 42 nos diz, num dos parágrafos do item 1.5.3, denominado *Posição da oração principal: período “tenso” e período “frouxo”*, ao tratar das normas para o escalonamento das orações na exposição da sucessão dos fatos:

Uma dessas normas – a que já nos referimos de passagem – recomenda que se coloque, sempre que possível, nas extremidades do período, os termos ou orações a que se queira dar maior relevo.

Antes já fora dito, na página 37:

Em conclusão, repetimos: na oração principal deve estar a idéia predominante do período, segundo a intenção do autor, segundo o ponto de vista em que ele, e não o leitor, se coloca.

Podemos tentar descobrir que tipo de procedimento é adotado por Léry. Tomemos um período como exemplo:

Et de ma part la premiere fois que je les frequentay, qui fut trois semaines apres que nous fusmes arrivez en l'isle de Villegagnon, qu'un truchement me mena avec luy en terre ferme en quatre ou cinq villages: quand nous fusmes arrivez au premier nommé Yabouraci en langue du pays, et par les François Pepin (à cause d'un navire qui y chargea une fois, le maistre duquel s'appelloit ainsi) qui n'estait qu'à deux lieües de nostre fort: me voyant tout incontinent environné de sauvages, lesquels me demandoient, Marapé-dereré, marapé-dereré, c'est à dire, Comment as-tu nom, comment as-tu nom (à quoi pour lors je n'entendois que le haut allemand), et du reste l'un ayant prins mon chapeau qu'il mit sur la teste, l'autre mon espee et ma ceinture qu'il ceignint sur son corps tout nud, l'autre ma casaque qu'il vestit: eux, di-je, m'estoudissans de leurs crieries et courants de ceste façon parmi leurs villages avec mes hardes, non seulement je pensois avoir tout perdu, mais aussi je ne savois où j'en estois.

Temos aí a seguinte seqüência:

1. Uma introdução que visa a situar o leitor: trata-se de narrar uma visita; podemos enquadrá-la nos já comentados “conectores argumentativos”; vai de *De ma part a cinq villages*. Em primeiro lugar o narrador enfatiza sua experiência pessoal (*de ma part*) e a seguir introduz um adjunto adverbial completado por uma oração que consideraremos relativa (na nossa terminologia oficial, oração adjetiva): *la premiere fois que je les frequentay*. Esse adjunto adverbial (*la premiere fois*) deve fazer parte da oração iniciada por *qu'un truchement...* Trata-se de um modificador complexo, que vem depois especificado por uma outra relativa completada por um adjunto adverbial oracional [oração subordinada adverbial temporal] (*qui fut trois semaines | apres que nous fusmes arrivez en l'isle de Villegagnon*). A seguir vem aquilo que parece conter uma primeira idéia predominante: *qu'un truchement me mena avec luy en terre ferme en quatre ou cinq villages*.

2. O que vem depois, a rigor, pode ser considerado outro período, separado do primeiro por ponto-e-vírgula. Isso de acordo com a perspectiva da análise sintática segundo os nossos pressupostos; da perspectiva do autor, porém, está claro que o trecho aí iniciado deve ser considerado continuação do período anterior. Sua própria

hierarquização o demonstra: ele não é introduzido por nenhum conector argumentativo. Na verdade, todo o período que antecede o ponto-e-vírgula funciona como um longo e complexo conector argumentativo que cria o costumeiro “suspense”: o leitor fica à espera da narrativa de uma ação. Esse “subperíodo” vai de *quand* até o fim. É composto por: a) uma oração adverbial temporal (*quand nous fusmes arrivéz au premie nommé Yabouraci en langue du pays et par les François Pepin*); b) um adjunto adverbial (*à cause d'un navire*) complementado por duas orações adjetivas (*qui y chargea une fois, le maistre duquel s'appelloit ainsi*), ambas referentes a *navire*; c) outra adjetiva, desta vez referente a *premier [village]* (*qui n'estait qu'à deux lieües de nostre fort*); d) uma sucessão de quatro reduzidas complementadas por adjetivas (estas entre chaves): (i) *me voyant tout incontinent environné de sauvages, {lesquels me demandoyent, Marapé-dereré, marapé-dereré, c'est à dire, Comment as-tu nom, comment as-tu nom (à quoi pour lors je n'entendois que le haut allemand),}* (ii) *et du reste l'un ayant prins mon chapeau {qu'il mit sur la teste,}* (iii) *l'autre [ayans prins] mon espee et ma ceinture {qu'il ceignint sur son corps tout nud,}* (iv) *l'autre [ayans prins] ma casaque {qu'il vestit;}*; e) retomada de *lesquels* (sujeito de toda essa sucessão de reduzidas) na forma de *eux*, na tentativa de reencetar o discurso que, iniciado várias orações atrás, já se prolonga em demasia (numa reformulação explicitada por uma oração de cunho anafórico: *di-je*); f) retomada da seqüência de reduzidas: (i) *m'estoudissans de leurs crieries et* (ii) *courants de ceste façon parmi leurs villages avec mes hardes*; g) **introdução, finalmente, da oração principal**, mas com a mudança brusca da seqüência sintática, configurando aquilo que se chama **anacoluto**: o sujeito, que antes vinha sendo *lesquels/eux*, repentinamente passa a ser *je* (*non seulement je pensois avoir tout perdu, mais aussi je ne savois où j'en estois*); é interessante notar que essa “oração principal” na verdade vem desdobrada em duas coordenadas aditivas.

A atenção aqui dada a esse período explica-se pelo seu caráter paradigmático. A uniformidade da seqüência estrutural sintática em Léry é tão grande (como se verá adiante) que é possível lançar mão do artifício de, a partir da análise de um período, deduzir uma estruturação sintática do texto todo. Logo, podemos dizer que, se via de regra a idéia predominante se encontra na oração principal, em Léry essa idéia normalmente é

posta no fim do período. Até que se chegue a ela, costuma-se passar por uma sucessão de orações subordinadas, com numerosíssimas reduzidas e subordinadas adverbiais desenvolvidas; as mais freqüentes são as condicionais, consecutivas, comparativas, finais e concessivas. A esse tipo de seqüência se dá o nome de “período tenso”.

Nem sempre é de fácil leitura essa periodização. Por isso, a tradução de Sérgio Milliet, obedecendo às tendências modernas e, talvez portanto, às exigências do editor, procedeu à cesura desse período tenso, criando uma sucessão de períodos menores (frouxos) que, se não começam com a oração principal, a ela levam o leitor com expedita rapidez.

Vejamos a tradução do período acima feita por Milliet, seguida pela tradução literal,⁷ logo abaixo:

Visitei esses selvagens pela primeira vez três semanas depois de nossa chegada à ilha de Villegaignon e fui em companhia de um intérprete a três ou quatro aldeias do continente. // Visitamos em primeiro lugar a aldeia de Jaburaci chamada pelos franceses de Pépin por causa de um navio que ali carregara outrora e cujo mestre tinha esse nome. // Essa aldeia distava apenas duas léguas de nossa fortaleza e quando ali entrei vi-me logo rodeado por inúmeros selvagens que me perguntavam: *Marapê-dererê, Marapê-dererê*, isto é, “como te chamam?”. // Mas eu entendia isso como entendo grego e fiquei na mesma. // Um deles tomou então o meu chapéu e o pôs na cabeça; outro pegou a minha espada e cinto e os cingiu; outro tirou-me o casaco e o vestiu; e todos me aturdiavam com seus gritos enquanto corriam pela aldeia com meus trajes e no meio dessa confusão eu já nem sabia onde me encontrava.

Tradução literal:

Por meu lado, na primeira visita que lhes fiz, o que foi três semanas depois de chegarmos à ilha de Villegaignon, um

⁷ Observamos que não foi essa a tradução por nós adotada. Aqui inserimos uma tradução literal para melhor comparação com o texto criado por S. Milliet.

intérprete me levou a quatro ou cinco aldeias de terra firme: quando chegamos à primeira, chamada Jaburaci em língua do país e Pepin pelos franceses (por causa de um navio que ali foi carregado uma vez, cujo capitão assim se chamava), situada a apenas duas léguas de nosso forte, vi-me de repente cercado por selvagens que me perguntavam «*marapê-dererê, marapê-dererê*», ou seja, «como é seu nome? como é seu nome?» (o que, para mim, naquela época soava como grego), e pegando um o meu chapéu, que pôs na cabeça, [pegando] outro a minha espada e meu cinto, que pôs sobre o corpo totalmente nu, [pegando] outro meu casaco, que vestiu: eles, digo, aturdindo-me com seus gritos e correndo daquele modo entre suas aldeias com meus equipamentos, eu não somente achava que tinha perdido tudo como também não sabia onde estava.

Não há necessidade de muitos comentários para perceber a metamorfose sintática imposta ao texto original pela tradução de S. Milliet. Em resumo, a tática consistiu em subdividir um período longo e obter assim vários curtos, de tal forma que cada um destes contém em si a idéia nuclear de cada uma das diversas subordinadas que se sucedem no período original. Desse modo, onde havia um só período (no máximo dois, se considerarmos que após os dois pontos se inicia um), passamos a ter cinco, com cinco orações principais. É fácil intuir o que isso implica em termos de ritmo de leitura. Mas antes de passarmos à questão do ritmo, vejamos o que nos diz Othon M. Garcia a respeito das diversas práticas sintáticas.

Comentando a **anteposição da oração principal às subordinadas** ele diz que, ao chegarmos ao fim do período,

[...] já teremos apreendido o núcleo significativo do período, a sua idéia mais importante, expressa, como está, na oração principal; de forma que o que se segue [...], se bem que contenha idéias menos importantes, se encontra em posição de maior destaque. O que acontece é o seguinte: como o essencial já foi dito, o secundário torna-se, apesar da posição, quase desprezível, sendo bem provável que o leitor “passe por cima”. (Garcia, 1975, p. 43)

Pouco adiante, comentando a prática oposta (**subordinadas antes da principal**), diz ele:

Por isso é que, anteposta à principal, [...] [a subordinada] seria de leitura forçada, seria – digamos assim – o “caminho obrigatório” para se chegar ao fato primordial, que ganharia, pela posição no período, o destaque adequado à sua relevância.

Portanto, pelo que se vê acima, Léry adota esta última prática; Milliet, a primeira, numa **reestruturação** que inverte os “valores hierárquicos” atribuídos às diversas orações no original, pondo no plano “principal” grande parte daquilo que o original optara por situar no “secundário”, como “percurso obrigatório” para o principal.

Adiante, na mesma página, diz Garcia (1975) citando J. Matoso Câmara Jr. (*Dicionário de fatos gramaticais*, verbetes “condicional” e “correlação”):

É esse um processo de correlação, “uma construção sintática de duas partes relacionadas entre si de tal sorte, que a enunciação de uma, dita *prótase*, prepara a enunciação da outra, dita *apódose*”. A primeira é *condicionante*, a segunda, *condicionada*.

A condicionante típica é, como o nome diz, a representada pela subordinada condicional: *se chover*, não sairei. Mas, como o processo implica uma correlação em sentido mais lato, o termo condicionante aplica-se também a outras subordinadas adverbiais, ou aos adjuntos correspondentes.

Esta última observação parece muito importante, por poder incluir entre os *termos condicionantes* antepostos à oração principal os conectores argumentativos acima citados. Não menos importante é o que o mesmo autor diz na página seguinte (44):

O período em que há *prótase* e *apódose* [...] é *coeso* ou *tenso*. É o **verdadeiro período no sentido clássico**: *ambitus verborum*, circuito de palavras **encadeadas** de tal

forma que o **sentido só se completa no fim**, quando “se fecha” o circuito.

[...]

A prótase e a apódose aparecem com mais freqüência no estilo **oratório** assim como na **argumentação** de um modo geral. Não caracterizam, senão excepcionalmente, como já assinalamos, o estilo narrativo e o descritivo, a menos que se considere como prótase a simples anteposição de adjuntos adverbiais à oração principal. Isto, sim, é comum.

E na p. 45, comenta uma “pesquisa rápida, provisória e inconclusiva” feita por ele em quatro sermões de Vieira e em vários discursos de Rui Barbosa, pesquisa na qual verificou que:

[...] na maioria dos casos, quando há prótase, ela é constituída por orações adverbiais temporais (de *quando*), condicionais (de *se*), concessivas (de *embora*) e reduzidas de gerúndio, com predominância, ao que nos parece, das primeiras e das últimas.

[...] Nos clássicos quinhentistas e seiscentistas, a fórmula predominante é S + P, subordinada(s) antes da principal.

É como se ele estivesse descrevendo o texto de Léry.

Assim, vemos que o texto de Léry obedece aos cânones da redação clássica e (1) vai ordinariamente do secundário ao primordial, das subordinadas à oração principal, construindo os períodos como palavras encadeadas de tal forma que o sentido só se completa no fim; (2) afasta-se assim das características do estilo meramente narrativo, aproximando-se mais do estilo argumentativo. Vemos também que o texto de Sérgio Milliet (1) vai ordinariamente da oração principal às subordinadas, logo, do primordial para o secundário (sobre este aspectos, ver comentários mais detalhados abaixo); (2) constrói os períodos como células justapostas (com freqüente ausência de conectores argumentativos), de tal forma que o sentido se explicita já no início do período; (3) enquadra-se, portanto, naquilo que se convencionou chamar de estilo narrativo sem cunho argumentativo.

Essa drástica reestruturação hierárquica tem como importantíssimo efeito colateral transformar o secundário em primordial, visto que inumeráveis idéias postas por Léry em posições hierarquicamente secundárias, para servir de introdução, comentário ou restrição, acabam por ser expostas de maneira categórica, transformando-se em mera informação.

Do que se viu acima, conclui-se que ter em mãos um texto desses equivale a estar diante de um estilo de época, de uma marca cultural registrada, de uma seqüência sintática conscientemente estruturada segundo cânones retóricos clássicos, cujo intuito, mais que descrever, é convencer. Submeter tal estrutura sintática a uma reformulação drástica é destruir a montagem intencional do discurso que caracteriza toda uma época histórica, toda uma escola, que serve a toda uma construção epistemológica da realidade. Ao se proceder a tal grau de reformulação, arma-se um texto intrinsecamente diferente, porque estruturado segundo os cânones retóricos de outra época; faz-se uma paráfrase.

A documentar as conclusões extraídas da análise de um só período considerado paradigmático observe-se a seguinte estatística: entre os períodos que caminham da subordinada para a principal ou vice-versa (excluídos os simples e os construídos por coordenação), nos dois textos, em Léry 75 vão das subordinadas à principal; 16, da principal às subordinadas; no de Milliet, 30 períodos vão das subordinadas à principal; 59, da principal às subordinadas.

c. Número de palavras

Complementar à atitude sintática descrita acima é o intuito de resumir o texto, extraindo dele todas as palavras que pareçam acessórias (adjuntos adverbiais, sobretudo) ou repetitivas; seus resultados são visíveis na tabela acima.

Da junção das três táticas reformuladoras (modificação dos critérios de divisão em parágrafos, fragmentação dos períodos e redução no número de palavras) decorre uma transformação rítmica que o leitor do texto traduzido, evidentemente, não poderá sequer intuir, visto não ter acesso ao texto original. Digamos que a estruturação rítmica do texto é o modo pelo qual o seu sujeito enunciador se faz pulsar na mente do leitor. É a sua oralidade no escrito. Conforme nos diz Meschonnic,

Visto como a organização de um movimento da fala (*parole*), o ritmo impõe e acarreta uma reflexão sobre o enunciador dessa fala, o sujeito dessa fala, pois o movimento é dele, ao mesmo tempo que é emitido numa língua [...]: *ritmo é a organização do movimento da fala (parole) por um sujeito.* (Meschonnic, 1998, p. 27)

Logo, o leitor de um texto drasticamente reformulado estará recebendo do original não só dados factuais sensivelmente modificados pelos procedimentos acima como também deixando de receber os dados rítmicos que lhe dão informações sobre o sujeito enunciador. É assim que dados factuais carreadores de informações sobre o referente e dados formais carreadores de informações sobre o enunciador se entrelaçam de maneira inextricável, compondo um enunciado único que convém observar com atenção. Um texto assim reformulado impõe ao leitor a pulsação cunhada pelo tradutor, aquela que lhe parece mais adequada segundo seus próprios parâmetros, e não segundo os parâmetros da cultura que gerou o texto.⁸

Diz ainda Meschonnic (1998):

O ritmo de um texto é seu elemento fundamental, pois ritmo é a síntese da sintaxe, da prosódia e dos diversos movimentos enunciativos do texto. Entende-se que, nessas condições, o ritmo não pode ser dissociado da signifi-

⁸ Voltando à analogia entre um texto escrito e uma partitura musical, poderemos dizer que o compasso (= período) de Léry foi subdividido em compassos menores por Milliet. Se uma das características da divisão rítmica é a atribuição do tempo forte, teremos que no texto de Léry predominam as síncopes e os portamentos, antes de se chegar ao tempo forte (oração principal), ao passo que em Milliet ataca-se já o tempo forte no início do compasso; além disso, o intervalo que vai entre dois tempos fortes é muito maior em Léry do que em Milliet. Com isso se percebe que a eventual leitura paralela dos dois textos (só possível ao bilingüe) causaria a mesma impressão que se teria ao ouvir a mesma linha melódica tocada em dois ritmos tão diferentes quanto um barroco *largo alla siciliana*, de um lado, e uma valsa vienense, de outro, com a eliminação de quaisquer floreios.

cação dos discursos, pois a significação depende daquilo que, no texto, organiza a linguagem por meio da inter-relação de todos os seus componentes. Só que essa relação com a significação nada tem a ver com a expressividade tradicional, que faz o ritmo ser uma imitação do sentido das palavras (ritmo “saltitante” num texto sobre a dança ou uma tradução das impressões sentidas pelo leitor, ritmo “pesado” num poema sobre o tédio [...]). O ritmo, ao invés de ser estranho à significação das obras, é sua condição primeira. (p. 6-7)

E adiante, complementando a idéia de ritmo como organização de um movimento da *parole* por um sujeito, afirma:

Donde será preciso distinguir três categorias de ritmo: o **ritmo linguístico**, próprio a cada língua; os **ritmos retóricos e culturais**, ritmos de época (o “período”, na França, no século XVII, e a frase curta em prosa, de Voltaire, entre outros, no séc. XVIII, por exemplo); e os ritmos que não seria possível chamar de outro modo, parece, a não ser de **poéticos**, não por estarem em verso, mas por serem próprios a uma obra e parte constitutiva daquilo que leva a reconhecê-la entre todas, verso ou prosa. (p. 27-28)

E passa então a tratar deste último tipo de ritmo. Mas aqui merece destaque o segundo por ele mencionado: o **ritmo retórico e cultural, ritmo de época**. É dele que este texto trata.

Mas, uma vez que o leitor (conforme já dissemos) não terá acesso a esses dados, ser-lhe-á transmitido apenas o que (acham que) lhe interessa acerca dos indígenas, ou seja, as informações objetivas, os dados factuais, indicações sobre o referente, em suma, o *sentido*. Pois o que (acham que) interessa é apenas o conteúdo do enunciado, desprezando-se, por supérfluo, o modo de enunciação, o próprio sujeito da enunciação. Essa pelo menos é a lógica a que parece obedecer esse tratamento do texto na tradução de Milliet. Certamente não é o único exemplo desse tratamento no mercado editorial (não só brasileiro), pois a impressão é de que esse modo de agir atende às exigências de criação de um texto mais “fácil”, mais “ágil”, mais conforme ao ritmo

da época presente, mais voltado para o público leitor do que para o autor publicado. Portanto, um ritmo vendável. É comum encontrarmos traduções que submetem os textos antigos a esse tipo de reformulação sintática radical, substituindo assim os modos de expressão de uma cultura vista como “superada” por modos de expressão que mais apeteçam à nossa cultura: compassos curtos, primeiro tempo forte, ausência de floreios, “linhas melódicas” bem definidas e breves. O ritmo das descrições, dos relatórios, dos noticiários. O ritmo de uma época que se compraz em admirar o próprio umbigo.

Não será temerário, portanto, afirmar que na raiz dessa prática está uma atitude etnocêntrica. Assim como para Léry o indígena era o “outro”, para nós o “outro” é Léry. A mesma abordagem anexionista que a antropologia quinhentista dispensava ao assunto “ameríndio” muitas traduções atuais dispensam a textos quinhentistas ou de qualquer forma considerados “antigos”. Dependendo do grau alcançado, a reformulação sintática na tradução de qualquer texto pode beirar as fronteiras da paráfrase. Por que paráfrase? Porque o sujeito que se manifesta no enunciado original é abafado, neutralizado, apagado, transparente, invisibilizado. Ora, no texto aqui estudado o sujeito enunciadador fazia questão de aparecer, de se posicionar. Perdeu esse direito. A ele se sobrepôs o sujeito tradutor, que no caso impôs seu estilo de escritor. No texto de Milliet o que há é o discurso de Milliet, não mais o de Léry. Fato bastante comum este em traduções feitas por escritores: observe-se, por exemplo, a obra de tradução de Monteiro Lobato, de Machado de Assis e outros.

Essa prática, portanto, não é apanágio de Milliet. Aqui é preciso situar o grande intelectual num quadro cultural mais amplo em que se inserem elementos conjunturais e estruturais importantes na nossa sociedade. Tais elementos determinaram os conceitos de tradução vigentes na época de sua formação. A onda de rejeição ao etnocentrismo em tradução (nascida, aliás, nos mesmos centros que viram nascer o etnocentrismo quinhentista) é relativamente nova e conforma as noções de tradutores e escritores-tradutores de uma geração posterior. Sobre essa nova concepção não nos estenderemos aqui, pois a sua complexidade exige

um estudo à parte. De qualquer forma, é preciso ressaltar que ao clima cultural vivenciado – a que ninguém é imune – somam-se as pressões do mercado editorial, que não são desprezíveis. Qualquer editor estará preocupado com a acolhida que o público possa dar ou deixar de dar a um produto seu. E, dependendo do público, é fácil imaginar que a sintaxe quinhentista pode não ser exatamente digerível. Nossa tradução encontrou um clima diferente, outros ares culturais. Os editores hoje são mais permeáveis à idéia de fidelidade ao original como fidelidade à forma e não só às idéias do conteúdo, de autoria em tradução sem a suposição de imposição de um estilo pessoal do tradutor ao estilo do autor do original. Mas esses são dados que merecem outro estudo, e talvez não um apenas.

Comentários finais

Não é simples a resolução da questão dos limites da reformulação sintática em tradução. No pólo oposto àquele que aqui enfocamos está a ausência quase total de reformulações sintáticas pertinentes, em grande proximidade do grau zero que consideramos apenas teórico, acima. Esse tipo de procedimento pode denotar simples falta de preparo ou conhecimento da língua de chegada por parte do tradutor, mas também pode conotar um fenômeno inverso ao observado na atitude de Milliet, qual seja, o de anexação do “próprio” ao “outro”, em outras palavras, o de adesão total ao estrangeiro. O que acaba por configurar também uma questão cultural. Esse é um problema que causa perplexidade a grande parte dos tradutores iniciantes e é sempre tratado com prudência pelos próprios mestres. Tal prudência se evidencia, por exemplo, no modo como Aubert (1994) trata o problema da busca de equilíbrio entre fidelidade e liberdade na tradução:

Vislumbra-se que o requisito da fidelidade tende a requerer do tradutor a busca e o estabelecimento de um locus de equilíbrio entre o centrífugo (a tendência à alteridade) e o centrípeto (a procura pela identidade). Tal área de equi-

librio, no entanto, não parece ser definível em termos de um ponto fixo e imutável, definível normativamente, a priori. (p. 76)

Na atitude de Milliet distingue-se um *modus faciendi* que orientou toda uma escola moldada pela tradição francesa em tradução, contra a qual se insurge hoje grande parte dos teóricos mais expressivos do Hemisfério Norte. Na atitude dos tradutores que deixam de realizar reformulações sintáticas pertinentes em geral não é distinguível nenhuma diretriz teórica conscientemente formulada. Por outro lado, o campo mais conspícuo de embate entre os pólos de equilíbrio em tradução (estrangeiro x nacional) é o lingüístico. Ora, a “língua” é o instrumental de que se lança mão no ato de traduzir, mas, se está claro que na manipulação desse instrumental sempre se conta *a priori* com várias alternativas discursivas possíveis, entre as quais se pode optar, nem sempre é tão óbvio que as determinantes dessas opções não se limitam apenas ao campo lingüístico. Os influxos culturais parecem-nos extremamente relevantes na busca do entendimento daquilo que leva o tradutor a transmitir do texto um aspecto em detrimento do outro. Em termos de influxo cultural, porém, é muito comum encontrarmos análises que levam em conta sobretudo ou apenas os aspectos terminológicos das opções dos tradutores. A nós parece pertinente também abordar os aspectos sintáticos. Foi o que tentamos fazer neste trabalho.

Referências bibliográficas

- AUBERT, F. H. (1994) *As (In)Fidelidades da Tradução. Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas, Unicamp.
- BANDEIRA, M. (1998) Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras em 1942. *CULT – Revista Brasileira de Literatura* n. 16, nov. 1998.
- CORDONIER, J.-L. (1995) *Traduction et culture*. Les Éditions Didier.
- GARCIA, O. M. (1975) *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed. São Paulo, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- MESCHONNIC, H. (1998) *Traité du rythme*. Paris, Dunod.